

QUANDO O CONTO E AS IMAGENS SABEM MAIS DO QUE A PRESUNÇÃO TEÓRICA DO SABER-PODER: O TAO ⁱ

**When a tale and images know more than theoretical presumption of Know-
Power: TAO**

Autora: Prof^a Dr^a Gláucia Santos da Gama e Silva

Nome artístico: Gláucia Flores y Reyes

**Doutorado: Filosofia. Estética. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.
IFCS. UFRJ. 2009**

Orientador: Prof. Dr. André Martins

**Pós-Doutorado: Filosofia. Estética. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.
IFCS. UFRJ. 2013.**

Orientador: Prof. Dr. Gilvan Luís Fogel.

Palavras-chave: educação; conto; natureza; Tao

Key-Words: education; tale; nature; Tao

RESUMO:

O conto é, talvez, dos gêneros literários, aquele em que é maior a liberdade de expressão. Por conseguinte, a proposta é, através deste conto, humildemente inspirado na filosofia taoísta, conscientizar crianças, adolescentes e adultos sobre a importância de amar a natureza como se ela fosse o bem mais precioso de toda a humanidade, mostrando a fugacidade e precariedade das coisas no mundo. Sendo assim, ambiciona-se que o conto seja uma ferramenta poderosa para a compreensão de determinado tema. Especialmente quando se é educador num mundo em que a preservação do planeta se tornou imprescindível para as futuras gerações. Crê-se que, para além de tantas teorias e conceitos, a transmissão do saber *dá-se* de muitos modos.

Educar é um ato de doação permanente, que, necessariamente, não tem de obedecer à esta ou àquela teoria, a este ou àquele método. Isso que se chama 'doação' é uma vontade imanente de dizer, informar, fazer aprender e,

sobretudo, trocar. Dar-se ao outro. “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece!”, diz o ditado chinês.

Entre um e outro - mestre e discípulo- há um acontecer, um eclodir da troca de saber. Saber implica trocar, um ir-e-vir entre dois ou muitos. Em verdade, é fluxo de palavra/conhecimento. Conhecer só aparece desde que se faz ‘troca’. Isso que é troca é, necessariamente, interação produtora de saber/conhecer/construir/sentir

O conto, intitulado “O Jardim de Tsien”, é inspirado em um antiquíssimo conto chinês de autor desconhecido, datado, possivelmente, do século XVI.

Não é nenhuma novidade que o conto é ferramenta poderosa para a compreensão de um tema. Especialmente quando se é educador num mundo em que a preservação do planeta se tornou imprescindível para as futuras gerações. Todos os dias, quilômetros de florestas são devastadas enquanto o lixo produzido pela humanidade se acumula às toneladas matando o que antes eram lagos, praias e terras cultiváveis. Populações inteiras da África veem seu habitat natural sufocado sob o peso dos “descartáveis” produzidos nas indústrias. É sabido, inclusive, que ainda não se descobriu um método eficaz de destruir o lixo lançado no mundo.

A chamada *civilização* destrói a si mesma sem o mínimo de consciência do imenso mal que se alastra. Vimos, há poucos anos atrás, o encontro dos representantes de vários países, em Paris, para discutir a situação do clima no planeta. Parece um pouco tarde demais. As expectativas de recuperação são péssimas. Em princípio, convivemos com a face de uma natureza agonizante. O que fazer para estancar o processo acachapante de destruição de todo o ecossistema? Por certo, neste trabalho, não se tem a pretensão de dar a resposta, porém tenta-se mostrar, através do conto, às gerações futuras e atuais, que o amor e o cuidado com a natureza podem ser o caminho necessário para a renovação do espírito e a transmutação dos falsos valores. Isto pode ser o primeiro grande passo para salvar o planeta e o homem do aniquilamento.

Abstract:

Maybe the tale is the literary genre where freedom of expression is at its greatest. Thus, the proposal is, through this tale, humbly inspired by Taoist philosophy, to educate children and teenagers about the importance of loving nature as if it were the most precious of all mankind as it shows the transience and precariousness of all things in the world. Thus, it is the aim to use this tale as a powerful tool to understand certain topics. Especially when it is an educator in a world where the preservation of the planet has become indispensable for future

generations. It is believed that, besides the many theories and concepts the transmission of learning occurs in many ways.

Educating is an act of permanent gift, which does not necessarily have to conform to this or that theory, to this or that method. That which is called gift is an immanent will to say, to inform, to learn and above all exchange. Give to the other. "When the student is ready, the teacher appears!", says the Chinese saying.

Between one and other - master and disciple - there is a happening, an explosion of exchanging knowledge. To Know implies exchange, a coming and going between two or more. In fact, it's a flow of words and knowledge. To know only appears as long as there is an 'exchange'. This exchange is a necessary interaction that produces knowledge / understanding / education / feeling.

This article presents a pedagogical proposal of innovative nature, with the intent to enable the development in children and teenagers, the ability to love nature as if it were the most precious of all mankind. For this purpose, the tale was used as a methodology (still unpublished) entitled "The Garden of TSIEN" which is below this article, in part 2, it is presented to clearly show this proposal. The story was found completely by chance in some lost corner of the author's memory and is inspired by an ancient Chinese tale by an unknown artist, possibly dated in the sixteenth century.

It is nothing new that a tale is a powerful tool to understand a topic. Every day, kilometers of forest are devastated as the waste produced by humanity accumulates by the tonne killing what were once lakes, beaches and arable land. Entire populations of Africa see their natural habitat suffocated under the weight of "disposables" produced by industries. It is also known that no effective method of destroying the waste released into the world has been found.

The so called civilization destroys itself without the slightest awareness of the immense evil that it is spreading. We saw a few days ago at the meeting of representatives from various countries in Paris to discuss the climate situation of the planet. It seems a little too late. The expectations for the recovery of the planet are terrible. In principle, we coexist with a dying Nature. What can we do to stop the overwhelming process of destruction of the entire ecosystem? Of course, this work does not claim to provide the answer, but intends to show, through the tale, to current and future generations who love and care for nature could be the necessary way to renew the spirit and the transmutation of false values. This could be the first great step to save the planet and humanity from annihilation.

PARTE 1

Objetivos (em ordem de interesse):

- 1- Divulgar este trabalho à comunidade acadêmica, publicando-o, em primeira mão, na Revista Raízes e Rumos por ser esta uma Revista da Unirio, local de trabalho e de toda a produção intelectual e artística da autora.
- 2- Publicar o conto O JARDIM DE TSIEN, com ilustrações, em formato livro, em editora de fora da Unirio.
- 3- Divulgar e difundir o livro publicado em escolas e universidades, incentivando o uso da contação de histórias para crianças e adolescentes e/ou professores e demais interessados, como ferramenta de aprendizado e aquisição de conhecimento.
- 4- Distribuir este livro em Escolas Públicas, para uso em sala de aula, como meio auxiliar para conscientização da preservação do meio-ambiente.

Do método:

Para além de tantas teorias e conceitos, a construção de conhecimentos se dá de muitos modos. Educar é um ato de doação permanente. Diz Paulo Freire

“a paixão com que conheço, falo ou escrevo não diminuem o compromisso com que denuncio ou anuncio. Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimento, paixão e razão também” (FREIRE, 2010).

“Há que se apropriar, portanto, dessas sábias palavras para poder refletir comprometidamente sobre o que é educar. Dessa forma, é possível repensar o já instituído a fim de ajuizar acerca do novo. Esta não é uma tarefa simples, já que implica algumas certezas e muitas dúvidas, apresentar ideias, escutar tantas outras, ouvir críticas e também criticar, sempre com a intenção de avançar na construção de uma prática educativa emancipatória, defendendo que todos têm direito a uma

educação de qualidade, efetivamente cidadã: uma forma própria de estar no mundo criticamente, com ‘paixão e razão, também’. (TUTTMAN, 2013)

Platão, na *Apologia*, atribui a Sócrates a afirmação “só sei que nada sei”. Esta afirmativa pode ser interpretada, inclusive, da seguinte forma: o mestre aprende com o discípulo, que aprende com o mestre. Portanto, não é o mestre detentor do saber, mas um mestre que se dispõe à troca, correspondência entre o que se *deu/se dá* como experiência de vida, com a história de cada um e de um coletivo. O mestre não pode engessar o saber/conhecer porque somente sabe e conhece na troca com o outro que, por sua vez, se põe no “encontro” para que o conhecer possa aparecer/vir à tona. Quando o mestre tem a arrogância de reter e estancar o saber, este já se fez poder, ou seja, desejo de controle para a construção de uma verdade imperiosa que torna o que é *chegar a conhecer*, logo, “potência para” em falso saber/conhecer. Daí em diante dita regras e se agarra aos conceitos para demonstração e “prova”ⁱⁱ do que é saber. Saber é, então, poder sobre os modos de conhecer, aprender, julgar e sentir. Eis aí “o” mestre, na acepção imperiosa do termo. Ele diz o que deve ou não deve ser feito, como e quando, segundo a própria verdade. *É e não pode deixar de ser*. Não pode haver troca, fluxo, irromper do conhecimento como *movimento para*: potência. Eis o saber-poder !

Se é ‘vivência’ é exposição à vida, e, ao aprender pela vida, funda-se como fluxo contínuo do conhecer/saber/construir/sentir. Retoma-se agora a proposta metodológica, que evidencia essa lógica de pensamento:

O mestre “aparece”, diz o ditado chinês. Sim, aparece e, por isto, não se impõe nem implanta conhecimento. O mestre está aberto ao fluxo do saber/conhecer. Não domina, não reprime o conhecimento de algo, mas sempre está no “dever” de uma troca: saber/conhecer. Sendo assim, dá-se ao fluxo e por isso ‘aparece’. Não é um ou outro, mas é mestre e discípulo no movimento eterno da mudança. Só e somente a mudança é permanente! Eis o TAO. Estanque o fluxo e desaparece toda possibilidade de conhecer. Estancar é morrer.

Ao final da jornada de todo aprender e conhecer, não há mestre nem discípulo, no sentido estrito dos termos, mas sujeitos do conhecimento inseridos na troca de saber para chegar a conhecer, que não se dá como eterno e permanente, pois é fluxo, movimento.

No conto, Tsien não apenas cuida como jardineiro, mas trata amorosamente seu jardim e, mais importante, abre-o para o mundo. Há, claramente, a partir de então, uma participação de vários sujeitos envolvidos em sua criação, que não somente admiram o jardineiro, mas querem aprender com ele. Tsien, por conseguinte, dá-se à vida, entrega-se completamente à Natureza

e compartilha essa entrega. Ele é 'natureza'. Confunde-se com seu jardim. São apenas "um" no movimento perene do vir-a-ser.

Entretanto, porque não há imutabilidade e permanência no mundo fenomênico, um dia, inesperadamente (acaso), seu jardim é destruído. Morte! Tsien não suporta a morte do que construíra durante toda a sua vida. Se o jardim morre, ele morre. Mas há uma saída: o paraíso.

Há que sair do plano da vida, fugir do tempo e do movente para encontrar o eterno. Somente nesse outro plano, fora do tempo, livre de *Cronos*, Tsien pode, finalmente, descansar. Agora seu jardim é para sempre eterna natureza, bela e perfeita. Sim, no paraíso há esta possibilidade. Por mérito próprio e não por outra coisa, Tsien é presenteado pelos sábios, monges? Não. Mais do que isso: mestres! Quem, afinal, o receberia no paraíso senão os mestres? Receber a eternidade é um presente de mestres que atingiram o "Nirvana", ou seja, entraram num estado fora do tempo, que tudo consome e destrói. Não são "donos da verdade"; não possuem –nem querem- o poder.

Ensinar é colocar-se na posição de quem quer doar-se continuamente. Daí a possibilidade de se atingir um estágio superior. Também Tsien, por se entregar à natureza, consegue um lugar que é outro e, deste modo, não está mais sujeito à morte nem à ruína. Há um *topos* onde ele pode desfrutar eternamente de seu jardim sem correr riscos. Lá, onde não há medo nem ignorância. O lugar do saber é aquele onde medo e ignorância foram superados. Ora, isto somente é possível quando o "discípulo está pronto para que o mestre apareça!". Voltamos, mais uma vez, ao ditado chinês. Mestre e discípulo estão numa frequência de querer aprender/saber/construir/fazer, pois que não há saber sem aprender nem aprender sem troca de saber. Nessa frequência não cabe poder, mas 'troca' para que o saber se renove e continue seu caminho infinito de recriação.

Na apropriação desse pensamento, reafirma-se que os atos de ensinar e aprender encontram suas bases na vontade imanente de dizer, informar, fazer aprender, sentir, emocionar e, sobretudo, trocar. Dar-se ao outro e receber do outro. Entre um e outro há um acontecer, um eclodir da troca de saberes e sentimentos. Na verdade, é fluxo do saber/conhecer/construí/sentir. Esse fluxo só se concretiza na medida em que se "doa". Logo, interação produtora de saber/conhecer/construir/sentir.

O mestre "aparece", diz o ditado chinês. Sim, aparece. O mestre está aberto ao fluxo contínuo da vida. Ele não quer "a verdade" porque já está no "devir" de uma troca infinita. Sendo assim, podemos concluir que todos somos mestres e discípulos no eterno movimento *para ser*.

O desejo de ser proprietário disso que é saber faz com que o movimento de aprender/conhecer/construir/sentir se desfaça. Há que, pelo contrário, estar aberto à troca e à mudança.

Tudo é mutação e nada existe sem ela. Assim a China do Tao concebe o mundo. Nessa visão abrangente do Cosmo como um todo fluante, um imenso caleidoscópio, como se processa a Mutação?

Não pergunte quem sou. Pergunte *quem estou sendo*?

Inexiste no Oriente, o conceito de entidade, de Coisa, ou a no o de substancialidade, mas sim processo de vir a ser que se desenvolve entre nascimento e morte.

“(...) Momentos de dificuldade e de perda interagem com momentos de encontros, e de ganho, Ora nos aproximamos, ora nos afastamos, em ciclos contínuos e intermináveis.” (MUTZENBECHER. 2005)

O mestre   também discípulo e se coloca numa entrega ao novo, ao que ocupa igualmente uma posi o de discípulo/mestre. Ambos são mestres-discípulos, o que é o mesmo que dizer que são sujeitos inseridos no tempo do saber que acontece/aparece e   construído no coletivo. Nos atos de aprender e ensinar não há mestre nem discípulo, no sentido estrito dos termos, mas sujeitos do conhecimento inseridos na troca de saberes para chegar a conhecer, o que não se dá como eterno e permanente, pois é fluxo, movimento contínuo. Nesse sentido, o ato de ensinar é colocar-se na posi o de quem quer doar-se continuamente. Daí a possibilidade de se atingir um estágio superior: a sabedoria.

Também Tsien, por se entregar à natureza, alcança, por merecimento próprio, um lugar que é *outro* (chame-se paraíso) e, deste modo, liberta-se da morte e da ruína. Atingiu o estágio da suprema sabedoria. Nesse *lugar-outro*, não cabe, necessariamente, o saber-poder; não pode haver cobiça de poder, mas só e somente devir, acontecer.

Ao contar um conto, despreziosa e delicadamente, busca-se o recurso pedagógico que permite unir a essência da troca entre mestre e discípulo, logo, vivência das imagens que se apresentam no ato mesmo de narrar, contar, dizer. Aqui se constrói o caminho infinito para chegar a conhecer, sentir, e aprender com gosto. O lírico, o lúdico, o mágico, integram-se e fortalecem a imagina o. O conto fala rapidamente ao cora o e à mente. Desprende-se do texto escrito e salta impetuosamente para o colo do ouvinte, seja criança ou adulto. O que   tão antigo e ‘natural’ quanto contar uma história? Os povos das tribos contam histórias como ninguém. Para ouvir uma história toda a tribo se reúne e silencia. Hora de calar para ouvir uma história. É quase um rito. Delas, as histórias, as tribos se alimentam e sabem que é preciso memoriza-las cuidadosamente para a manuten o de sua cultura e, principalmente, sua f rca. As futuras gera es saberão repeti-las integralmente.

Que sejam, portanto, estimulados os contos como fonte de aprender/saber/conhecer! Que venham os contadores de histórias! Eles, como o flautista de Hammerlin, atraindo as crianças, levando-as estrada afora, no caminho da sabedoria e do verdadeiro conhecimento. Depois, um dia, essas crianças hão de criar novos e outros contos. Hão de transcender tempos e Verdades e, como Tsien, alcançarão o paraíso.

Kuan-tse :

*“Longe deste mundo de terra
desfruto a solidão e a paz.
Fechei minha porta.
cerrei minha janela.
A harmonia é minha primavera,
a pureza, meu outono.
Assim, eu revesti a vida em seu ritmo,
E minha casa é um outro universo.” (KIELCE.1986)*

PARTE 2

A seguir, apresenta-se o conto O JARDIM DE TSIEN, cujas ilustrações, também da mesma autora do conto, são inspiradas na filosofia taoísta e no I CHING, o Livro das Mutações. Para realização destas pinturas, usou-se apenas o programa *paint*, do computador (o mais simples e antigo). Estas pinturas digitais podem ser denominadas *gravuras digitais*, pois o princípio é o mesmo utilizado na xilogravura. Lamentavelmente não há espaço, neste trabalho, para detalhar a técnica. Parece redundante dizer que estas pinturas, ou *gravuras*, servem, não somente para ilustrar e atrair a atenção do público a que se destina o conto, como de fato acontece em publicações dessa espécie, mas também para facilitar uma melhor compreensão a respeito do tema através de personagens e outras figuras. As pinturas são uma espécie de segunda narrativa.

Proponho aos leitores uma profunda reflexão!

O JARDIM DE TSIEN

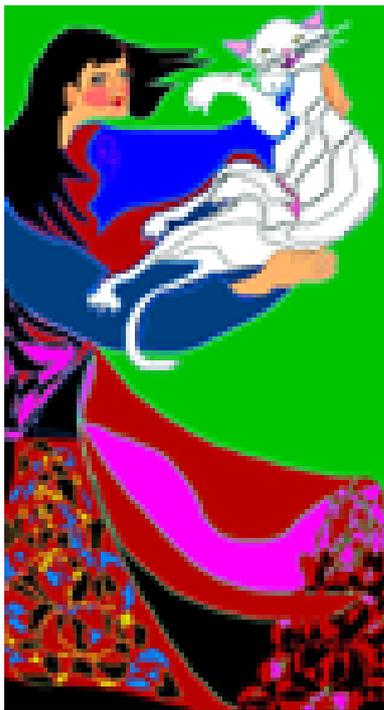
Para Amélia, minha mãe.



Anabela tinha uma gata malhada para quem contava histórias de reis, fadas e princesas. Até que, um dia, vasculhando a biblioteca de seu avô, encontrou, no meio de uma enorme pilha de livros velhos e papéis amarelados, um livro muito, muito antigo de contos chineses. Um deles, porém, a impressionara mais do que os outros: chamava-se O JARDIM DE TSIEN.

Após uma hora esquecida na leitura e completamente encantada com o que lera, Anabela decidiu que seguiria escrevendo. E escreveu, escreveu e reescreveu seu próprio texto. Vez por outra, sua gata, que se habituara a dormir ao lado, sobre uma grande e confortável almofada de veludo vermelho, acordava de seu sono inocente, espreguiçava-se e a olhava como se quisesse saber quando, finalmente, ouviria uma nova história.

Pois não é que, à noite, depois do jantar, quando as duas estavam no quarto, sozinhas e tranquilas, Anabela começou a ler a história que escrevera! Nesse momento, Luz Amélia, a gata malhada e fiel companheira de sonhos, saltou imediatamente para o seu colo e abriu bem os olhinhos dourados para ouvir atentamente cada palavra.



-TSIEN era um velho jardineiro que tinha o jardim mais bonito e bem cuidado de todo o vilarejo em que vivia desde que nascera. Certo dia, sem saber, acordou e percebeu que se encontrava em outro lugar.

-Onde estou? Perguntou, embora não visse ninguém por perto.

-no Paraíso.

-Tsien virou-se para tentar descobrir de onde vinha aquela voz doce.

-Olá, disse a menina.

-Olá, respondeu, ainda assustado, Tsien.

-Você está no paraíso! Ela confirmou, para maior espanto de Tsien.

-No paraíso? Não é possível! Não estou, não!! Agora mesmo eu brigava com aqueles jovens horríveis, que queriam destruir o meu jardim! Você está querendo me enganar. Acho melhor eu correr pra longe daqui.

-Não fique tão assustado, Tsien !

-Como sabe o meu nome?

-Ah, essa é uma outra história! Depois você ficará sabendo.

...mas, como eu ia dizendo, você chegou ao Paraíso. Pode acreditar. Aqui é o lugar onde as pessoas nunca mentem nem enganam ninguém. Todos são sinceros e amigos.

-Acho que você tem razão, acrescentou Tsien, mais tranquilo e confiante. Vejo que este lugar é tão lindo... Tudo parece perfeito. Tantas flores e animais. Sinto-me realmente muito bem. Isso lá é verdade. Só não entendo como

aconteceu. Foi muito rápido. Sei que estava desesperado enfrentando aquela gente ruim que pisava nas minhas flores e tentava poluir a água cristalina do lago, matando todos os peixes! Vamos, me explique: como foi que cheguei aqui?

-Ué, disse a menina, você veio andando com suas próprias pernas, não se lembra?

-Não, não me lembro de nada.

-Não tem problema. Por que você não me conta a sua história? Fale-me do seu jardim. Como era ele? Como você conseguiu torná-lo tão perfeito e inigualável a ponto de todos se maravilharem? Conte-me, Tsien.

-Pois então vou lhe contar:

-Quando eu era bem jovem, comprei algumas mudas de plantas e sementes de vários tipos. Comecei sem me preocupar muito. Adubei cuidadosamente a terra e, depois, juntei os vasos que tinha em casa. Joguei as sementes aqui e ali. Na verdade, eu as espalhei generosamente por toda a terra que havia em volta de minha humilde casa. Também nos vasos plantei mudas e joguei sementes. Esperei e esperei pacientemente até que o tempo certo de brotar chegasse. Um dia, finalmente, as flores e plantas começaram a surgir. De início eram bem pequenas, mas, quanto mais eu lhes dava água, adubo e amor, tanto mais elas cresciam!

- você disse água, adubo e... Amor! Como assim?

-isto mesmo. Se você reunir essas três coisas, conseguirá criar o maior e mais bonito jardim do mundo. Foi exatamente o que eu fiz.

- A menina estava agora muito animada. Conte-me mais! Disse ela.

- pois bem: eu acordava cedo todos os dias, corria para fora de casa e já dava bom-dia para as minhas flores. Elas me agradeciam imediatamente.

Agradeciam?! Como flores podem agradecer?! Explique-me!

-elas agradeciam vicejando mais e mais a cada dia.

- Vicejando... O que isto quer dizer?

-quer dizer que, a cada dia, elas ficavam mais vivas e belas. É assim que a natureza agradece a quem cuida bem dela! Se a tratamos com amor, ela nos devolve beleza, harmonia e felicidade!



-Entendi, respondeu a menina. Estou curiosa. Fale-me mais sobre seu jardim!

-meu jardim, como eu dizia, tinha tantas flores que os pássaros e as abelhas vinham sempre me visitar. Os pássaros pousavam nos galhos e cantavam felizes. As abelhas voavam de flor em flor. Um dia, numa árvore que crescera bem no meio do jardim, fizeram uma enorme colmeia. E, aí, presentearam-me com favos de mel que eu podia colher quando quisesse, sem ser atacado. Isto é, bastava que eu respeitasse o tempo justo e soubesse como colher. Tudo tem seu tempo. A pressa e a ganância dos homens é que destroem tudo. Sendo assim, eu tinha tanto mel que podia vender no mercado e comprar mais adubo e sementes para o meu jardim. Tudo com o dinheiro das vendas do mel de minhas amigas abelhas!

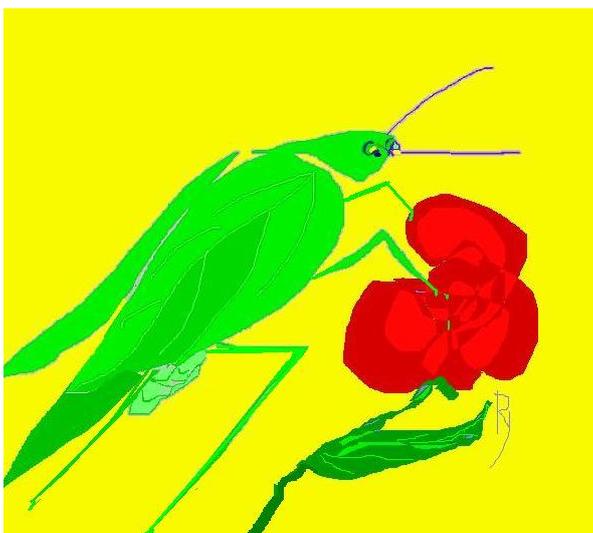
-Huumm... Eu bem que gostaria de provar desse mel, disse a menina.

-sim, você iria gostar bastante. Vinham compradores de cidades distantes só para provar o mel da colmeia do meu jardim. Eles gostavam tanto que acabavam comprando um ou dois potes. Eu não podia vender demais porque costumava presentear as famílias mais pobres, que não tinham dinheiro para pagar. Afinal eu não estava interessado em ficar rico. O que eu mais queria era poder cuidar bem do meu jardim, que, a essa altura, estava repleto de árvores, plantas de todo tipo e espécies raras das mais belas flores que alguém já vira em toda a sua vida!

- Nossa! Falou a menina. Por que, ao chegar aqui, você disse que “estava se defendendo de gente ruim”?

-vou lhe contar tudo: eu costumava deixar que as pessoas viessem visitar meu jardim aos domingos. Eu lhes mostrava tudo o que havia conseguido plantar

após anos de muito trabalho e dedicação. As crianças, principalmente, ficavam encantadas e pediam-me algumas mudas. Quando era época, eu lhes ensinava a plantar e a amar a Natureza. Nunca houve criança que não gostasse de me ouvir e aprender. O melhor é que todas elas passavam a cuidar de seus próprios jardins e, devo dizer, a ter respeito por toda flora e fauna.



Saiba que se você é capaz de amar um jardim com todo o seu coração, você amará também tudo o que está a sua volta. Eu ensinava a essas crianças que “somos todos UM só” e que se não amarmos sinceramente a Natureza, vamos sofrer bastante um dia. Se destruímos uma planta, matarmos uma flor ou maltratarmos um animal -qualquer um- estaremos matando e destruindo a nós mesmos!

-Disto tenho certeza! Aqui só chegam os que, na terra, souberam proteger toda a fauna e flora. Quem matou, destruiu ou ajudou alguém a destruir a Natureza, não consegue entrar pela porta do Paraíso. E olhe que é uma portbem grande!!! Do tamanho do amor de Deus!

-Não entendi. Pensei que Deus amasse todos, sem discriminar ninguém...

- Claro que ELE ama! Só que é infinitamente sábio e justo para ver e ajudar as pessoas que ainda estão vivendo na sombra e são tão ignorantes que precisam aprender muitas lições. Isso leva tempo.

-E como ELE faz?

-ELE faz essas pessoas estudarem bastante; até conseguirem saber de cor e salteado todo o... Dever de casa. Isto! É como fazer o dever de casa!

- e que dever é esse?

-amor e reverência para com todas as coisas vivas!

-é uma pena que ainda exista gente na mais completa ignorância... Disse Tsien.

-por falar em ignorância, eu já ia me esquecendo daqueles jovens maldosos de que você falava, disse a menina.

-sim, vou lhe contar.

-um dia, quando eu estava bem distraído, ocupando-me somente das minhas flores, vieram uns rapazes... Nem me lembro de quantos eram. Só sei que, de repente, eles pularam a cerca do meu jardim e começaram a rir e a me provocar com insultos e zombarias.

-e como você reagiu?

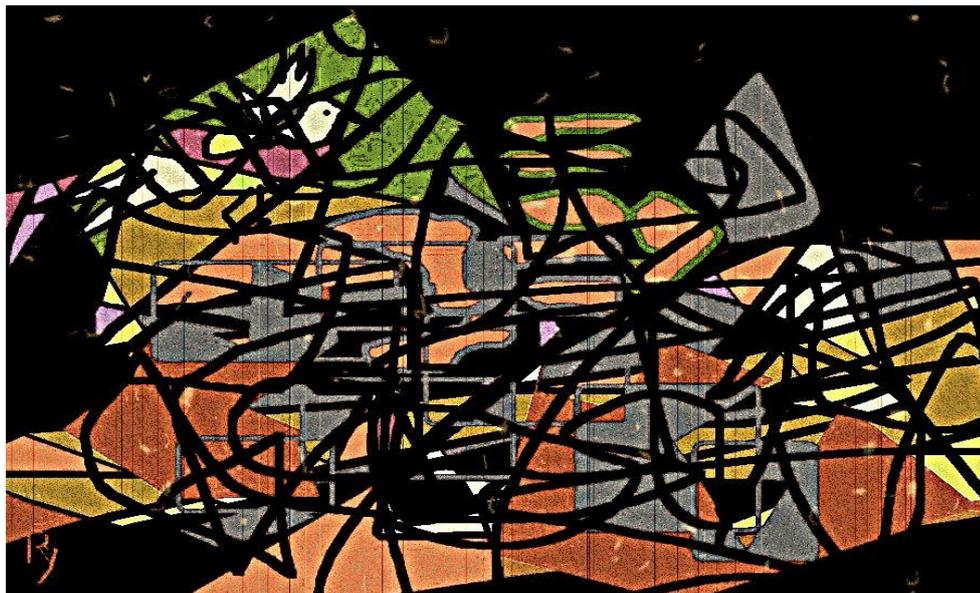
-bem, eu exigi que eles se retirassem imediatamente. Cheguei mesmo a gritar e a correr pra pegar um cabo de vassoura.

-e eles? Perguntou novamente a menina.

-eles não deram a mínima. Pelo contrário, começaram a arrancar flores e plantas pela raiz, sem qualquer piedade. Os pássaros, assustados, voaram fazendo estardalhaço.

-e aí? O que você fez?

-eu comecei a gritar mais alto. Tão alto que os vizinhos pudessem escutar e vir me socorrer. Mas ninguém veio e logo, logo, os jovens cruéis chutaram os vasos de planta; quebraram galhos de algumas árvores;



pisotearam uma porção de flores. Tudo ao mesmo tempo! Como se estivessem enlouquecidos de raiva!

-raiva do quê? Por quê?

-raiva deles mesmos! Eu não lhe disse há pouco que aquele que destrói a natureza destrói a si mesmo? Na verdade, eles estavam pisoteando, quebrando e chutando uns aos outros!!!

-mesmo assim é difícil entender. Observou a menina.

-Sim. Pois eu aposto que todos eles ficarão durante séculos fazendo o... “dever de casa”! Afirmou Tsien.

-Com certeza, acrescentou a menina. Aqui no Paraíso temos muitos anjos e arcanjos para tratar desses casos.

-Mesmo? E como eles fazem? Isto é, como eles ensinam a essas pessoas tão ignorantes o amor e o respeito por todas as coisas?

- Ah!!! Exclamou a menina. Eles as transformam. Fazem com que elas renasçam como árvores, flores, animais, jardins e até mesmo como florestas inteiras, por centenas e centenas de anos. Durante esse tempo, as pessoas más e gananciosas não podem ter forma humana.

- Perfeito! A melhor maneira de aprender é se colocar no lugar do outro, seja ele flor, animal ou ser humano!

- Mas agora quero saber como acabou aquela história da invasão do seu jardim, falou a menina.



- foi assim: eu fiquei tão furioso com aqueles jovens maus que desejei que as abelhas os atacassem!

- E...???

-e aí, de repente, um enxame apavorante surgiu do nada e voou direto pra cima dos rapazes. As abelhas cobriram-nos como se fossem um terrível lençol.

- Que horror! E eles? Quis saber a menina.

- gritaram alucinados e saíram correndo pra todo lado. Foi assustador, mas o importante é que eles desapareceram por completo!

- ainda bem. Esses já começaram a aprender. Mas... E o seu jardim? Como ficou?

-Isto, sim, foi horrível de ver. Era uma tristeza só! Eu estava tão desolado que me sentei no chão, sobre as flores mortas, e chorei duas noites e dois dias!! Ninguém conseguiu me levar para dentro de casa. Eu quis ficar ali e morrer junto das minhas flores. Bem no meio delas!

- você falou em dois dias e duas noites... O que aconteceu depois desse tempo?

- Eu caí num sono profundo. Tão profundo que parecia não ter fim.

-e como foi esse sono? Perguntou a menina.

- Eu sonhei que estava diante de um imenso vale. Era dia claro e havia pássaros de todas as cores voando acima da minha cabeça. O céu estava tão azul quanto uma pedra preciosa. Dessas que a gente só encontra nos contos de fada.

- Que lindo! Continue, disse a menina.

-Foi aí que eu comecei a andar, andar... Andei tanto que perdi a noção do tempo. Notei que já não havia mais dia nem noite, a não ser aquele céu azul como uma safira.

-Exatamente igual a este, não é?

- é mesmo. Exatamente igual!

-olhe agora e veja quanta beleza, ressaltou a menina.

-Sim. É deslumbrante. Parece que estou outra vez dentro do meu sonho...





- é porque, aqui, sonho e realidade são a mesma coisa. Retrucou a menina.
- Isso é eternidade! Exclamou Tsien. Estarei para sempre em companhia de minhas flores, plantas e pássaros.

- Você fez por merecer. Você viverá eternamente dentro de seu sonho mais bonito. Acredita agora que este lugar é o Paraíso?

- Então eu não preciso mais acordar? Perguntou Tsien. Eu sonhei um sonho verdadeiro, quero dizer... Não sei, estou meio confuso, mas isso nem me interessa. Estou completamente feliz desde que cheguei aqui.

-Você recebeu este prêmio por ter sido o melhor e mais dedicado jardineiro do mundo. Foi o professor de centenas de crianças e adultos, ensinando-os a amar a natureza inteira. Agora poderá desfrutar do Paraíso.

- Obrigado, menina.

-Aí, a menina desapareceu e, em seu lugar, surgiu uma linda moça, que deixou Tsien embevecido.

- Quem é você, perguntou ele?

- Eu sou a Mestra das Flores. Fui incumbida pelos três mestres eternos a recebê-lo e levá-lo até eles, pessoalmente.

- Tsien ficou tão emocionado que esqueceu até mesmo de agradecer.

-A Mestra das Flores saudou-o mesmo assim.

-Desta vez, Tsien não só agradeceu como fez uma grande reverência. Estava exultante, mas, quando deu por si, a Mestra havia desaparecido e, em seu lugar, ele viu os três mestres-sábios, de longas barbas brancas, que



caminhavam em sua direção. Diante deles dobravam-se, solenes, os galhos das árvores e flores de todos os tipos cresciam pelo caminho enquanto eles passavam. Tsien olhava para os lados a fim de se certificar de que era mesmo verdade o que estava acontecendo.

Reparou admirado que não precisava falar, pois não dependia mais do som da sua voz para se fazer entender. Ele podia até se comunicar com os pássaros e todos os animais, flores e árvores, porque sua mente se tornara tão poderosa que mal desejava alguma coisa ela já se materializava diante dele. Mas, atenção: ele não desejava luxo ou poder. Claro que não! Ele queria mesmo era estar em companhia de suas flores no seu jardim.

Foi então que os mestres-sábios, já bem próximos de Tsien, sem dizer uma única palavra, apontaram-lhe a árvore da felicidade, que ficava bem no começo de uma estrada que ia em direção ao Jardim Infinito. Lá, finalmente, Tsien poderia rever todas as flores que havia cultivado na terra. Notou que elas estavam ainda mais belas!

Depois de tamanha aventura, Tsien estava um pouco cansado. Por isto, deitou-se calmamente sobre a relva verde e olhou para o céu de safira. Pôde ver as nuvens que passavam bem devagar, sentir o vento suave da tarde e admirar a paisagem. Foi então que uma certa gata malhada se aproximou e, ronronando, deitou-se sobre seu peito e olhou-o intensamente com seus olhos dourados.

Sim, definitivamente, Tsien chegara ao Paraíso!

FIM

Referências Bibliográficas:

- FAULIOT, Pascal. Contes de Sages Taoïstes. Seuil. Paris. 2004.
- FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. Olho D'água. São Paulo, 2010.
Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à Prática Educativa. Paz & Terra. São Paulo. 2014.
- KIELCE, Anton. O Taoísmo. Martins Fontes. São Paulo. 1986.
- MUTZENBECHER, Alayde. I CHING. O livro das Mutações. Sua dinâmica energética. Gryphus. Rio de Janeiro. 2005

- TUTTMAN, M. Avaliação educacional: o verdadeiro compromisso. Retratos da Escola, Brasília, DF, v.,7, n.12, janeiro/ junho 2013. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>
- WILHELM, Richard. I Ching. O livro das mutações. Pensamento. São Paulo. . 2006.

Notas:

ⁱ Para os chineses, o Tao é a sabedoria suprema. Diz o Taoísmo que tudo consiste em equilibrar corpo, mente e espírito, de modo a controlar a vontade de ter para si, ou seja, em outros termos, o desejo desejante. De acordo com esta filosofia milenar, atribuída a Lao-Tse (sec. VI a.C.), quanto mais se deseja mais o desejo de ter aumenta.

ⁱⁱNo mesmo sentido usado pela Ciência. Estar sob o microscópio, ser avaliado como uma coisa, um ⁱⁱ espécime qualquer a ser controlado.